

# **A importância do fazer e cantar na primeira infância: alguns estudos sobre a Educação Musical para crianças de 0 a 3 anos**

*Luciane Cristina Simionato*

A música é uma das artes mais importantes na vida humana, talvez porque seja de fácil alcance, já que se pode dela dispor em casa ou mesmo no carro, em qualquer momento, pelo rádio, pela televisão ou pelos aparelhos próprios. Mas sua importância se mostra ainda maior, quando se pesquisa o desenvolvimento de uma criança. Semelhante ao desenvolvimento da linguagem, sua influência no cérebro se faz sentir desde o útero da mãe. Expor o bebê à música é uma maneira de aguçá-lo e nutrir o seu cérebro. Uma das maneiras de expor o bebê à música é através das aulas de musicalização infantil. Sendo assim, quero destacar a Educação Musical de 0 a 3 anos, assunto que tem despertado o interesse não só dos educadores musicais, mas também dos pais e profissionais de outras áreas de atuação, que muitas vezes percebem os resultados benéficos da música para as crianças pequenas. Pretendo demonstrar com este trabalho, alguns dos resultados benéficos encontrados na literatura existente, da utilização da música em crianças pequenas (0 a 3 anos), salientando a questão do desenvolvimento da linguagem musical nessa faixa etária.

Muito se fala e discute sobre o papel da música na formação do indivíduo. Estudos mostram que desde o útero materno, a criança encontra-se envolta num mundo de sons que se expande após o nascimento. Este mundo de sons, do qual a criança faz parte, chama a atenção e desperta seu interesse ainda enquanto bebê. Papousek citado por Gardner<sup>1</sup>, relata a respeito da capacidade e da pré-disposição de bebês que, com apenas dois meses de vida, conseguiram, através das canções de suas mães, equiparar o contorno melódico, a altura e o volume dessas canções. Morte<sup>2</sup>, relata a respeito das transformações evolutivas do bebê e de como a sensibilização musical pode ajudar nesses processos.

---

<sup>1</sup> (Papousek, *apud* GARDNER, 1994, p. 85)

<sup>2</sup> (Morte, 2002, p. 33)

Há uma grande variedade de pesquisas nesta área, e que partem de áreas distintas como, por exemplo, a psicanálise, a neurologia e a psicologia do desenvolvimento entre outros. A esse respeito Beyer<sup>3</sup> afirma que os vários estudos estatísticos fazem com que conheçamos apenas uma parte fragmentada da vida do bebê em seus primeiros meses de vida. No entanto, esta autora relata que nas últimas décadas os estudos que tratam das capacidades do bebê têm sido aprofundados com técnicas que vão desde filmagens digitalizadas à aplicação de técnicas de neurologia. Tais estudos<sup>4</sup> têm demonstrado resultados sobre o complexo mundo do bebê em suas mais diversas áreas de atuação. Deliége e Sloboda<sup>5</sup> afirmaram que o bebê, como se encontra em um universo musical desde sua concepção, é cercado por uma trama rica de sons que vão sendo filtrados no útero, conforme sua possibilidade auditiva. Já Tomatis<sup>6</sup> confirmou em suas pesquisas, que o bebê tem a capacidade de nascer já com uma grande bagagem de conhecimentos, pois está em interação com seu meio externo desde suas vivências uterinas.

A literatura desta última década mostra que as habilidades dos bebês são surpreendentes, podendo destacar, dentre essas ações, “a capacidade de ouvir e reconhecer música na vida intra-uterina, reconhecer a voz da mãe no parto e antes dele”.<sup>7</sup> Isto dá um novo modo de entendimento do desenvolvimento do bebê, inclusive quanto à sua linguagem sonoro-musical, principalmente quando se compara tais feitos com os antigos estudos fragmentados sobre o bebê em seu início de vida, que afirmavam que ele não era capaz de realizar qualquer tipo de ação inteligente.

No entanto, apesar do bebê já demonstrar ser capaz de várias atitudes surpreendentes em seus primeiros momentos de vida, como o ato de sugar, por exemplo, Beyer, relata que a razão de este não ser capaz de diferenciar a sua voz com a de outros bebês e não poder tocar um instrumento com precisão rítmica, mesmo já percebendo as diferenças de execução, ocorre “porque há esquemas que terão de ser desenvolvidos especificamente para a execução da ação motora, além daqueles necessários ao ouvir – ação sensorial auditiva”. Assim, é necessário ao bebê primeiro assimilar todo o universo sonoro através de sua interação.

---

<sup>3</sup>(Beyer, 2005, p. 94-96)

<sup>4</sup>(Klaus e Klaus *apud* BEYER 2005, p.96)

<sup>5</sup>(Deliége e Sloboda, 1996, *apud* BEYER 2005, p. 95-96)

<sup>6</sup>(Tomatis, 1990, *apud* BEYER 2005, p. 95)

<sup>7</sup>(Beyer, 2005 p. 97-98)

Alguns autores, como Beyer (1988) e Ilari (2003b) por exemplo, descrevem a importância da música no primeiro ano de vida, pois nesse período os bebês estão em fase de grande desenvolvimento do cérebro e da inteligência musical. Para Beyer<sup>8</sup> deve-se considerar com muita importância os dois primeiros anos de vida da criança, pois são fundamentais na formação dos processos cognitivos. A música, devido a suas características intrínsecas, pode colaborar no desenvolvimento das estruturas cognitivas e favorecer o desenvolvimento de outras habilidades, como as emocionais, as sociais e as musicais propriamente ditas.

Arnaiz et. al consideram a música como um excelente recurso para o desenvolvimento da criança, desenvolvendo-lhe capacidades através da atitude dos adultos perante o fazer ou apreciar música com elas. Para ele, “A criança descobre a música igual descobre o resto do mundo: experimentando e integrando somente aquilo que lhe dá prazer”.<sup>9</sup>

Morte afirma que é muito importante a utilização da educação musical com crianças a partir do seu nascimento, indiferente se esta educação acontece na própria vida familiar ou na escola, pois, segundo a autora, quando as crianças receberam uma iniciação musical desde seus primeiros meses de vida, elas têm mais facilidade de integrá-la ao seu dia a dia do que as crianças que a receberam depois dos três anos. Assim, a música não é só mais uma forma de linguagem e expressão para a criança, “mas lhes ajuda a descobrir suas próprias possibilidades musicais e o prazer de experimentar com elas”.<sup>10</sup>

Para Campo com o bebê, no período anterior à fala, a sua experiência fundamental com a música dá-se através da comunicação e representação da expressão não-verbal, “o que se situa no terreno afetivo, mediante a ação e a percepção”.<sup>11</sup> Assim, quando a criança dá seu próprio significado à música a partir do momento em que sente e age impulsionado por ela, esta passa então a pertencer-lhe.

Segundo Custodero, as crianças são musicais desde seu nascimento, e buscam por interações musicais com objetos e pessoas. Para ele, crianças de 0 a 3 anos solicitam a musicalidade dos adultos em seu processo de interação, sendo que uma das formas de promover uma maior aproximação

---

<sup>8</sup>(Beyer, 2001, p. 617)

<sup>9</sup>(Arnaiz et. al., 2002, p. 15)

<sup>10</sup>(Morte, 2002, p. 38)

<sup>11</sup>(Campo, 2002, p. 18)

da criança com seus cuidadores ocorre justamente pelo poder de interação musical que pode existir entre eles. Para o autor, os pais realizam de maneira intuitiva uma comunicação musical com seus bebês, e apesar desta forma de comunicação poder perdurar por toda a vida, há uma influência cultural que os faz substituir esta comunicação musical pela linguagem falada conforme esses bebês tornam-se crianças mais velhas. Enfatiza que a experiência musical de crianças nesta faixa etária deveria ser uma atividade obrigatória, pois se constitui num desafio físico, social e cognitivo para elas, e que é importante esta atividade musical para a criança porque pode proporcionar o aparecimento de capacidades cognitivas que talvez não fossem percebidas de outra forma. Esta experiência musical faz com que a criança tenha a oportunidade de sentir e fazer, sendo que

Desafios musicais nos envolvem com muitos sentidos simultaneamente: As crianças podem simultaneamente ouvir sons; ver os adultos repetindo um movimento quando o som se repete; mover-se em um novo caminho com um exemplo musical; ver formas de movimento e sentir os sons enquanto elas tocam instrumentos, cantam e se movimentam. A experiência musical então fornece à criança uma variedade de pontos de entrada (ouvir, ver, sentir) em desafios estéticos, sensoriais e cognitivos.<sup>12</sup>

Gordon, informa que quanto antes a criança for exposta ao mundo da música, mais chances ela terá de desenvolver um nível superior de aptidão musical, se comparada com crianças não expostas à música. Segundo ele, é grande o número de neurologistas e psicólogos, que chegaram à conclusão de que “existem períodos críticos associados ao surgimento de conexões neurológicas e sinapses que ocorrem antes do nascimento e na primeira infância”, e que essas conexões neurológicas, poderão ser deslocadas quando não utilizadas corretamente com cada um dos sentidos, para outros sentidos. Assim, por exemplo, se uma criança é privada da possibilidade de desenvolver um vocabulário de audição musical, “as células que teriam sido usadas para estabelecer este sentido auditivo, serão, no melhor dos casos, direcionadas para outro sentido, talvez o da visão, que ficará fortalecido à custa do sentido da audição”.<sup>13</sup>

Alguns autores admitem a influência da educação musical em outras formas de comportamento da criança, entre eles, Campo e Zuluaga<sup>14</sup> que

---

<sup>12</sup> (Custodero, 2002, p. 07)

<sup>13</sup> (Gordon, 2003, p. 02-03)

<sup>14</sup> (Campo e Zuluaga, 2002, p. 17)

aditem a influência da música inclusive no processo de aprendizagem, podendo potencializar a atenção, a criatividade e a concentração da criança, o que proporciona uma resposta melhor e mais rápida à aprendizagem. Para Ilari “além do desenvolvimento do cérebro e da inteligência musical, a educação musical da criança deve ser divertida, de modo a desenvolver prazer, cultura e gosto musical duradouro nestes futuros adultos”.<sup>15</sup>

Cicerone, complementa o pensamento a respeito da influência da música em outras formas de comportamento, ressaltando o aspecto da linguagem: “Desde que nascemos já estamos predispostos aos sons, vocalizações e melodias, nosso primeiro universo de linguagem; por isso, o contato precoce com a música é capaz de favorecer positivamente o desenvolvimento de nossas habilidades cognitivas, lingüísticas e motoras”.<sup>16</sup>

Outros autores como Trevarthen e Malloch, admitem a música como uma forma de comunicação, a que denominam de *musicalidade comunicativa* e que explicam como sendo o “termo utilizado para explicar o uso da música para conversar emocionalmente com outros”. Assim, há uma *musicalidade comunicativa* quando os pais e os bebês tentam, já a partir das primeiras semanas de vida, comunicar-se um com o outro, conforme lemos:

É fácil observar a musicalidade comunicativa na comunicação do bebê com seus pais porque o significado das palavras dos adultos não pode desempenhar um papel e porque a criança e seus pais são tipicamente ansiosos para entrar em sintonia um com outro. Os pais e a criança fazem o uso dos parâmetros de pulso, de altura e de timbre - tão vital à arte musical - para formar narrativas vocais de emoção compartilhada e experiência (junto com gestos corporais). Quando a comunicação é um caminho que satisfaz a ambos, eles sustentam uma relação coordenada pelo tempo.<sup>17</sup>

Ilari faz referência à expressão *musicalidade comunicativa*, descrita por Trevarthen e Malloch, explicando que, segundo esses autores, pode ser entendida como um “princípio de organização inato para todos os movimentos envolvidos em interações saudáveis, regulando os contornos melódicos das vocalizações, sugerindo e facilitando ‘a vez de cada um’ num pulso rítmico”.<sup>18</sup> A autora explica ainda que a musicalidade comunicativa “leva em conta o fato de que os bebês são sensíveis ao sentido intrínseco da

---

<sup>15</sup> (Ilari, 2003a, p. 16)

<sup>16</sup> (Cicerone, 2006, p. 36)

<sup>17</sup> (Trevarthen e Malloch, 2002, p. 11)

<sup>18</sup> (Ilari, 2006, p.291)

música, e que os seus comportamentos diante dela têm um espaço no tempo, e são expressos de modo a contribuir para um jogo musical conjunto”.

Adentrando no campo da aquisição e desenvolvimento da linguagem musical da criança entre 0 e 3 anos, Beyer explica que é interessante “refletir sobre o surgimento de novidades sonoras no processo de desenvolvimento musical do bebê, discutindo alguns fatos que envolvem este processo, buscando não fragmentar o todo das vivências do bebê”.<sup>19</sup> Para tanto, faz-se necessário “colocarmo-nos na posição de escuta e expectativa de que ele é capaz de produzir diferentes sonoridades, em situações diferentes”.

Alguns estudos dão suporte para a compreensão de como se dá esse processo de aquisição da linguagem musical da criança já a partir de seu nascimento. Dentre os estudos torna-se interessante destacar Moog, ao constatar que até a idade de dois anos, há um aumento da atividade motora da criança quando na presença de estímulos sonoro-musicais e que, a partir dessa idade, a quantidade dessa relação (atividade motora x estímulos sonoro-musicais) diminui, aumentando, no entanto, na variedade e precisão dos movimentos. Para este autor, existem várias fases de desenvolvimento musical, sendo elas: “o ‘balbucio musical’; a imitação da letra e/ou ritmo; a imitação da melodia toda em alturas, texto e ritmo; a criação musical”.<sup>20</sup>

Segundo Gordon, a criança aprende música de uma forma muito semelhante à que aprende sua língua materna, isto é, pelo processo sequencial que se inicia com a audição, para posteriormente passar à fala propriamente dita. Este processo de aprendizagem da língua inicia-se com o balbucio, que também é citado no processo de aprendizagem da música. No entanto, o autor afirma que existem pelo menos duas fases no balbucio musical, a saber, o balbucio tonal e o balbucio rítmico. No balbucio tonal, “as crianças tentam cantar com uma voz falada, e as relações entre os sons que produzem têm pouco ou nada em comum com a cultura musical”.<sup>21</sup> No balbucio rítmico, as crianças “produzem diferentes sons e movimentos em uma forma irregular”.

Normalmente as crianças pequenas não têm tantas oportunidades de estarem inseridas no contexto de aprendizagem musical ao mesmo tempo em que estão inseridas no contexto da aprendizagem da fala, pois normalmente não se oferece a ela a oportunidade de absorver os vários sons da

---

<sup>19</sup> (Beyer, 2005, p. 95)

<sup>20</sup> (Moog, 1968, *apud* BEYER, 1993, p.49-50)

<sup>21</sup> (Gordon, 2003, p. 6-7)

música da mesma forma que os da linguagem. Sendo assim, o autor afirma que a capacidade da criança em progredir através do balbucio musical fica restrita, e que muitas crianças “tornam-se incapazes de deixar as fases de balbucio tonal e rítmico e desenvolver vocabulários básicos de audição tonal e rítmica”. Para o autor, é de suma importância que a criança tenha um contato rico e variado com a música, antes dos 18 meses de idade, pois do contrário, “as crianças irão se preocupar sobretudo com a aquisição da linguagem e a música ocupará um lugar de pouca ou nenhuma importância em sua vida futura”.<sup>22</sup>

No processo da educação musical para crianças de 0 a 3 anos, percebe-se a importância que o canto exerce como uma das atividades principais e mais apropriadas para a faixa etária. Este canto é iniciado nos bebês através dos balbucios dos contornos melódicos. Hargreaves e Zimmerman, afirmam que as pesquisas indicam que os bebês, já possuem “as estruturas necessárias para a percepção tonal e rítmica [...] muito antes do que sugerem as nossas práticas educacionais atuais”,<sup>23</sup> e que o contorno melódico pode ser considerado um “elemento crítico das melodias para bebês”. Este contorno melódico, é importante tanto no processamento melódico quanto na aquisição de canções.

Vários outros autores também relataram a importância do canto e estudaram a aquisição de canções para as crianças pequenas. Para Moog, “no desenvolvimento do canto, as crianças começam com as palavras e depois acrescentam o ritmo, e finalmente a altura”.<sup>24</sup> Já Davidson, McKernon e Gardner, determinaram “quatro fases na aquisição das canções: topologia geral, superfície rítmica, contorno de altura e estabilidade de tonalidade”.<sup>25</sup> Com base na análise do canto de canções aprendidas, Davidson<sup>26</sup>, propôs uma teoria sobre o desenvolvimento tonal, relatando que as crianças, ao aprenderem uma canção, aprendem primeiro a captar as palavras para, em seguida, captar a sua forma rítmica; em seguida vem o aprendizado do contorno melódico e, por último, as relações de altura e intervalos. Para o autor, esta seqüência acontece porque as crianças pequenas não possuem o senso de tonalidade antes dos 6 ou 7 anos.

---

<sup>22</sup> (Gordon, 2003, p. 6-7)

<sup>23</sup> (Hargreaves e Zimmerman 2006, p. 256-257)

<sup>24</sup> (Moog, 1976b *apud* HARGREAVES & ZIMMERMAN, 2006, p. 257)

<sup>25</sup> (Davidson, McKernon e Gardner, 1981, *apud* HARGREAVES & ZIMMERMAN, 2006, p. 257)

<sup>26</sup> (Davidson, 1985b, *apud* HARGREAVES & ZIMMERMAN, 2006, p. 257)

Com relação ao aprendizado das canções, segundo Muñoz<sup>27</sup>,

Se a canção é importante para a criança de 3 a 6 anos, mais importante é quando nos referimos ao período de 0 a 3 anos. Inclusive quando as crianças não podem participar de sua interpretação, não podemos duvidar do inestimável papel que ocupam as mães, pais e educadores que cantam aos bebês desde seus primeiros momentos de vida. Às vezes não se calcula a importância que tem esses cantos como oferta sonora a esses bebês, sobretudo como elemento de comunicação entre eles e seus pais e educadores.

Para o autor, as canções devem fazer parte da realidade diária da criança, desde o seu nascimento, tanto na escola quanto em casa, pois “Nesta idade [0 a 3 anos] a canção tem uma importância fundamental por sua influência na criança, tanto no âmbito da linguagem e desenvolvimento da imaginação, quanto no desenvolvimento do âmbito social e afetivo”. Relata ainda que,

muitos são os autores que tem destacado a importância que tem a canção e o canto na construção do conhecimento musical. Para Hemsy de Gainza (1964), ‘a canção infantil é o alimento musical mais importante que recebe a criança’. Neste mesmo sentido encontramos outras opiniões importantes que esse tema produz. ‘As canções de ninar dão à criança segurança, ajudam a desenvolver a imaginação, facilitam a exploração vocal, favorecem a comunicação dos próprios sentimentos’ (Agosti – Gherban y Rapp – Hess, 1988).

Quando nos reportamos a teoria das inteligências múltiplas proposta por Gardner, vê-se que quando este autor explica sobre a inteligência musical, já demonstra também a importância do canto no desenvolvimento desta, conforme pode ser visto em suas palavras:

Na metade do segundo ano de vida as crianças efetuam uma importante transição em suas vidas musicais. Pela primeira vez elas começam, por conta própria, a emitir uma série de sons pontilhados que exploram diversos intervalos pequenos; segundas, terças menores, terças maiores e quartas. Elas inventam músicas espontâneas que mostram ser difíceis de anotar; e um pouco depois, começam a produzir pequenas seções (“trechos característicos”) de músicas familiares ouvidas em torno delas – tais como “EI-EI-O” de “*Old Mac Donald*” ou “*All fall down*” de “*Ring around the Rosie*”. Durante um ano aproximadamente, há uma tensão entre as músicas espontâneas e a produção de “trechos característicos” de melodias familiares; mas por volta da idade de três ou

---

<sup>27</sup>(Muñoz, 2002, p. 60-61)



quatro anos as melodias da cultura dominante vencem e a produção de músicas espontâneas e brincadeiras de sons exploratórios em geral desaparece.

Muito mais do que na linguagem, encontram-se diferenças individuais notáveis em crianças novas quando elas aprendem a cantar. Algumas conseguem acompanhar grandes segmentos de uma canção por volta da idade de dois a três anos (nisto elas lembram a nossa criança autista); muitas outras conseguem emitir apenas as aproximações mais grosseiras de tons neste momento (ritmo e palavras em geral constituem um desafio menor) e podem ainda apresentar dificuldade em produzir contornos melódicos precisos aos cinco ou seis anos<sup>28</sup>.

Em um estudo mais atual, Custodero<sup>29</sup> também relatou a respeito das canções espontâneas em crianças pequenas, dizendo: “Crianças de dois e três anos muitas vezes interpretam o material musical criando canções espontâneas e usando canções aprendidas em novos contextos de modos socialmente significativos”.

Para Akoschky, crianças de aproximadamente dois anos já são capazes de explorar sua voz, provando, confirmando e renovando o que estão aprendendo, e assim, conseguem descobrir as qualidades do som e aumentar seu próprio repertório de sons. Segundo esta autora, as crianças demonstram interesse em produzir sons já desde 2 e 3 anos e vão fazendo referências a sua produção vocal através da exploração, da imitação e da invenção, conforme lemos:

O canto que começou com balbucios nos bebês vai se desenvolvendo e encontra nas crianças de dois e três anos maiores possibilidades de aproximar-se da entonação de certas canções de seu repertório. Nessas intenções ficam claros os estímulos que puderam receber em seu âmbito familiar e também sua passagem pelas primeiras turmas de escola [*maternais*] (grifo da autora). O canto entoado irá fazendo um lento percurso, com crescentes aproximações que darão conta de uma interessante construção; serão primeiro ‘esboços’ e aproximações da canção escolhida<sup>30</sup>.

Outros autores, como Trevarthen e Malloch, também escreveram a respeito da importância da canção para a criança pequena:

Muitas pesquisas confirmaram que a música e a canção têm a importância especial em crianças (de fato, em pessoas de todas as idades), enriquecendo a sua vitalidade. Aparentemente

---

<sup>28</sup> (Gardner, 1994, p. 85)

<sup>29</sup> (Custodero, 2002, p. 08)

<sup>30</sup> (Akoschky, 2002, p. 43 a 47)

os modelos musicais estão no coração criador da comunicação que anima a aprendizagem cultural humana.

As crianças sabem muita coisa de forma instintiva, mas elas também aprendem rapidamente, especialmente sobre as experiências de estar em um mundo de humanos se comunicando. A sensibilidade aos ritmos e melodias das canções e músicas pode ser resultado de uma aprendizagem perceptiva similar àquela que leva à fala<sup>31</sup>.

Para Ilari, também é importante o ato de cantar com a criança pequena e deve ser desenvolvido, conforme pode ser lido:

O ato de cantar, espontaneamente ou de forma dirigida em sala de aula, pode ativar os sistemas da linguagem, da memória, e de ordenação seqüencial, entre outros. Através do canto acompanhado por gestos e movimentos corporais, a criança pode vir a ter pelo menos seis sistemas de seu cérebro ativados.

O ato de compor música envolve a experimentação com sons, a utilização do ouvido interno e a resolução de problemas. Ao compor uma canção a criança pode estar ativando os sistemas de controle da atenção, da memória, da linguagem, de ordenação seqüencial e de pensamento superior, entre outros. [...] Entre essas composições estão as canções espontâneas e improvisadas das crianças pequenas<sup>32</sup>.

Segundo Trehub, “as crianças têm, desde a mais tenra idade, uma predisposição para a música, como se fossem biologicamente preparadas para apreciá-la, mesmo que prefiram a consonância às dissonâncias”.<sup>33</sup> Por isso, admite que as mães são intuitivamente educadoras musicais, pois conseguem satisfazer na criança seus interesses e inclinações pela música. Através da comunicação mãe-bebê, comunicação que acontece através da fala e do canto, há uma troca de emoções. O canto materno na vida diária da criança propicia “a estimulação tátil e do movimento, além da estimulação auditiva”. Afirma ainda que há uma diferença notável na atenção da criança em sua comunicação com a mãe no que ela chama de ‘discurso materno’ e ‘canto materno’. “O discurso materno captura prontamente a atenção infantil, mas o cantar materno é mais eficaz em manter a atenção. O canto materno reduz também a excitação infantil”.

---

<sup>31</sup> (Trevarthen e Malloch, 2002, p. 10-11)

<sup>32</sup> (Ilari, 2003a, p. 14-15)

<sup>33</sup> (Trehub, *apud* CICERONE, 2006, p.38)

Finalizando, é importante destacar que não só o canto, mas todas as atividades referentes à Educação Musical são importantes para desenvolver na criança de 0 a 3 anos a sua ‘Inteligência Musical’. Para tanto é necessário que não só os educadores, mas também os pais, estejam prontos para estimular musicalmente a criança, propiciando atividades que lhes dêem prazer e diversão.

Com base em todos os autores expostos, percebe-se que a Educação musical pode e deve ser utilizada com crianças na faixa etária de 0 a 3 anos, pois através de atividades musicais, muito pode se contribuir com o desenvolvimento desta criança em vários aspectos.

Com essa descrição pode-se perceber a importância da música para o desenvolvimento da criança. A criança usa a sonorização para desenvolver a linguagem, aprende novas palavras, expande o cérebro. Fazendo parte de uma das múltiplas inteligências humanas, deve ser aproveitada em toda a sua potencialidade, pois assim, o desenvolvimento da criança se dá em harmonia com suas outras inteligências.

## Referências

- Akoschky, Judith. 2002. La educación musical para niños y niñas de 2 y 3 años. Cantar, “tocar” y escuchar... In: Música de 0 a 3 años. *Revista Eufonia, Didáctica de la Música*. Grão Editora, Enero, Febrero e Marzo.
- Arnaiz, Vincenc; Pons, Felá e Salord, Lina. 2002. Una relación abierta: la música em los primeros años. In: Música de 0 a 3 años. *Revista Eufonia, Didáctica de la Música*. Grão Editora, Enero, Febrero e Marzo.
- Beyer, Esther. 1988. A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Educação).
- Beyer, Esther. 1993. A construção do conhecimento musical na primeira infância. *Em Pauta – Revista do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Música – UFRGS*. Ano V, nr. 8, p. 48-58, dezembro/1993.
- Beyer, Esther. 2001. Interagindo com a Música desde o berço: Um estudo sobre o desenvolvimento musical em bebês de 0 a 24 meses. Belo Horizonte: *Anais do XIII Encontro Nacional da ANPPOM*, vol. II, p. 617-620; 2001.
- Beyer, Esther. 2005. O som e a criatividade: Reflexões sobre experiências musicais. Artigo: Cante, bebê, que eu estou ouvindo: do surgimento do balbucio musical. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.
- Campo, Patxi del e Zuluaga, Silvia. 2002. Toda una experiência sonora. In: Música de 0 a 3 años. *Revista Eufonia, Didáctica de la Música*. Grão Editora, Enero, Febrero e Marzo.
- Cicerone, Paola Emilia. 2006. Em ritmo musical. In: A mente do bebê: Aquisição da linguagem, raciocínio e conhecimento; edição nº 3, série especial da revista *Mente & Cérebro*. São Paulo: Duetto Editorial, outubro.

- Custodero, Lori A. 2002. The Musical Lives of Young Children: Inviting, Seeking, and Initiating. In: *Journal of ZERO THO THREE*: National Center for Infants, Toddlers, and Families. September, volume 23 n° 1.
- Gardner, Howard. 1994. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed.
- Gordon, Edwin E. 2003. A Music Learning Theory for Newborn and Young Children. Chicago: GIA Publications, Inc.
- Hargreaves, David & Zimmerman, Marilyn. 2006. Teorias do desenvolvimento da aprendizagem musical. In: *Em busca da mente musical: Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Beatriz Senoi Ilari (organizadora); colaboradores Beatriz Raposo de Medeiros...[et al.], 231-269. Curitiba: Ed. da UFPR.
- Ilari, Beatriz. 2003a. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*. Associação Brasileira de Educação Musical. Porto Alegre, n. 9, p. 07-16, Setembro.
- Ilari, Beatriz. 2003b. Cognição musical e educação musical: Integrando teoria e prática. *XII Encontro da ABEM, Associação Brasileira de Educação Musical*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Ilari, Beatriz. 2006. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: *Em busca da mente musical: Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Beatriz Senoi Ilari (organizadora); colaboradores Beatriz Raposo de Medeiros...[et al.], 271-302. Curitiba: Ed. da UFPR.
- Morte, Elena Garcia i. 2002. Interiorización de la música em edades tempranas. In: *Música de 0 a 3 años. Revista Eufonia, Didáctica de la Música*. Grão Editora, Enero, Febrero e Marzo.
- Muñoz, Juan Rafael. 2002. El cuento y la canción. In: *Música de 0 a 3 años. Revista Eufonia, Didáctica de la Música*. Grão Editora, Enero, Febrero e Marzo.

Trevarthen, Colwyn e Malloch, Stephen. 2002. Musicality and music before three: human vitality and invention shared with pride. In: *Journal Of Zero Tho Three*: National Center for Infants, Toddlers, and Families. September, volume 23 n° 1.

Trehub, Sandra E. 2002. Mothers are Musical Mentors. In: *Journal of ZERO THO THREE*: National Center for Infants, Toddlers, and Families. September, volume 23 n° 1.